

Caderno de EDUCAÇÃO FÍSICA

ESTUDOS E REFLEXÕES

v 5 - Nº 9

PÁGS. 95 A 101

V Encontro de Pesquisa
em Educação Física
1ª Parte

RECEBIDO EM: 00-00-0000
ACEITO EM: 00-00-0000



ARTIGO DE REVISÃO

REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Carmem Elisa Henn BRANDL¹
UNIOESTE/GEPEFE e UNICAMP/NEPICC



¹ Orientadora Doutora
Vilma L. Nista-Piccolo

INTRODUÇÃO

A avaliação é um tema extremamente complexo para se discutir, porém ele está presente no dia a dia de todos nós. A todo o momento estamos avaliando o ambiente, as pessoas que nos rodeiam e as nossas próprias atitudes. Mas a avaliação que se pretende trabalhar neste texto está relacionada com a Escola, ou seja, Instituição formalmente constituída para Educar, Formar e Informar os que dela fazem parte.

A avaliação faz parte do complexo processo da Educação. Ela está presente de modo informal (desde a direção, funcionários e professores até alunos) e formalmente (no sentido de obrigatoriedade burocrática) na Escola e em sala de aula. Diante dessa variedade de situações, conceituar e definir Avaliação requer contextualizá-la, situar sob quais paradigmas, concepção de sociedade, de ser humano, de Educação que ela está engajada.

Gostaria de ilustrar o enunciado acima com uma passagem da obra de Capra (1996 e 1998), na qual o autor escreve sobre a fase de transição de paradigmas.

Duas tendências marcantes foram identificadas por Capra na mudança de paradigma. A tendência auto-afirmativa e a tendência integrativa. Capra (1998:27), resume as características de cada tendência, na tabela abaixo:

PENSAMENTO		VALORES	
<u>Auto-afirmativo</u>	<u>Integrativo</u>	<u>Auto-afirmativo</u>	<u>Integrativo</u>
Racional	Intuitivo	Expansão	Conservação
Análise	Síntese	Competição	Cooperação
Reducionista	Holístico	Quantidade	Qualidade
Linear	Não-linear	Dominação	Parceria

O paradigma cartesiano, dominante nas Ciências nos últimos séculos, apresenta um desequilíbrio, a sua ênfase é excessiva no pensamento e valores para a tendência auto-afirmativa. Para o novo paradigma, o autor propõe um equilíbrio dinâmico entre ambos.

As Ciências tem forte influência sobre a Pedagogia, ou melhor, as Ciências são disseminadas nas Instituições Escolares, através das disciplinas (ou matérias) que compõe a estrutura curricular dos sistemas educacionais. O pano de fundo, ou, a filosofia que permeia cada uma dessas ciências, também

esta presente nas teorias pedagógicas, e vai influenciar na prática dos docentes. As inovações que sofrem essas áreas de conhecimento, de forma direta ou indireta, embora com um certo atraso, vão refletir na Pedagogia.

A Educação Física, enquanto área de conhecimento, mesmo tendo conquistado o “status” de ciência, tem fortes raízes científicas na Biologia e nas suas diversas ramificações (Anatomia, Fisiologia, Cinesilogia, etc.), e mais recentemente, na Psicologia. A Filosofia também permeia as ciências que influenciam a Educação Física. O pensamento filosófico de cada época, em especial as reflexões acerca do homem, fundamenta, de forma consciente ou não, as teorias e a prática da Educação Física. As teorias que se referem a um novo paradigma e que vem emergindo nos diversos campos da ciência, como a visão holística, a teoria da complexidade, a teoria sistêmica, oferecem uma nova visão de mundo e de ser humano, através de uma abordagem científica, que, a mim parece, aproxima-se muito da abordagem filosófica da Corporeidade. Essas teorias respeitam e valorizam as relações humanas, a afetividade, as respostas emocionais a individualidade e a diversidade. Considero desta forma, essas teorias como encaminhamentos viáveis para novas propostas na Educação e na Educação Física Escolar, conseqüentemente, para a Avaliação.

REVISÃO BIBLIOGRAFICA

Muitos autores que discorrem sobre o tema Avaliação, normalmente o fazem de forma negativa, apontando os problemas que podem causar o mau uso dessa ferramenta pedagógica. PERRENOUD (1999) caracteriza a avaliação como um meio utilizado para frustrar a ignorância de uns e celebrar a excelência de outros, e explicita que o grande motivo é a criação de hierarquias de excelência com função de certificar-se sobre o andamento do curso seguido pelo aluno, seleção dos melhores e dos piores no decorrer deste caminho, orientação para os variados estudos e também sobre a entrada do aluno na faculdade e no mercado de trabalho.

Uma outra questão abordada sobre problemas de avaliação, é em relação à comparação que se faz de indivíduos com outros indivíduos ou com modelos padronizados por determinada sociedade (cultura), discriminando e excluindo àqueles que não se enquadram. GARDNER (1995), denomina este tipo de avaliação de “testagem formal”, que está relacionada com uma visão uniforme de educação e a concepção de que todos os indivíduos são iguais, seus resultados são quantitativos e atendem as ne-

cessidades pragmáticas, cita como exemplo os testes de QI. Este autor sugere a “avaliação contextual” e a define como “a obtenção de informações sobre as capacidades e potenciais dos indivíduos, com o duplo objetivo de proporcionar um feedback útil aos indivíduos e informações proveitosas para a comunidade circundante”. (GARDNER, 1995:150).

A avaliação contextual faz parte do ambiente natural de aprendizagem e deve ocorrer naturalmente e em movimento, assemelhar-se às condições de trabalho, levar em consideração as diferenças individuais e oferecer feedback aos alunos.

LUCKESI (2002), distingue os termos “examinar” e “avaliar”. Considera que o que se tem usado na Escola é o exame e não a avaliação. O exame, segundo autor, preocupa-se com o desempenho final, é classificatório, seletivo e excludente, enquanto que as características da avaliação, são exatamente opostas. A avaliação opera com desempenhos provisórios, nesta perspectiva, pode ser considerada como um processo avaliativo-constructivo porque cada resultado obtido serve de suporte para um passo mais à frente. A avaliação é não-pontual, é diagnóstica e inclusiva, ela está a serviço de um projeto pedagógico constructivo, “*que olha para o ser humano como um ser em desenvolvimento, construção permanente*”.(LUCKESI, 2002:17).

O autor supracitado considera que o erro da Escola em relação à avaliação, não está nos instrumentos (testes, provas, redações, monografias, arguições, etc.), mas sim na postura pedagógica, e, para mudar este quadro, devemos trocar nossas crenças e nossos modos de agir na prática pedagógica.

Para Luckesi, os instrumentos de avaliação deveriam ser chamados de instrumentos de coletas de dados para avaliação, por que eles em si não avaliam, mas demonstram dados (nem sempre verdadeiros) que descrevem desempenhos provisórios do aluno, dando base para o educador prosseguir (se necessário retroceder) no processo de ensino aprendizagem. Todos os instrumentos de coleta de dados sobre a aprendizagem são úteis para uma prática de avaliação, caso os dados obtidos sejam lidos sob a ótica do diagnóstico e não sob a ótica da classificação. Não precisamos abandonar instrumentos que vimos utilizando regularmente na Escola, mas precisamos nos servir de instrumentos que coletam dados essenciais sobre o nosso objeto de avaliação.

Para finalizar o autor sugere que “*é preciso criar em nós professores uma cultura de avaliação em oposição a uma cultura de exames arraigada em nossas experiências*”.(LUCKESI, 2002:33).

A Educação Física, a partir na Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional de 1996, passou a ser componente curricular da Educação Básica, portanto integrada à proposta pedagógica da Escola. Com esse novo *status*, os profissionais das Escolas, bem como os documentos oficiais que orientam a prática pedagógica, passaram a ter uma preocupação maior com os componentes do processo ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação).

Neste texto, estamos abordando a avaliação, e sobre este tema, a maioria dos autores tem escrito que ela tem sido entendida como uma forma de atender as exigências burocráticas da Escola, por um lado, simplesmente avaliando os alunos pela sua presença, “comportamento” e trajas adequados. E, em outro extremo, avaliando a execução de gestos técnicos pautados em modelos de esporte de rendimento ou na aptidão física, resultando muitas vezes na seleção dos mais aptos para competições e discriminando e excluindo os demais.

Verifica-se, que com tais práticas de avaliação, mede-se, ordena-se, classifica-se, hierarquiza-se, seleciona-se, testa-se e mensura-se habilidades, conhecimentos técnicos e constata-se deficiências muito significativas na área. Pautando-se em tais considerações, autores como LINHALES (1999), MATTOS E NEIRA (1999) e o COLETIVO DE AUTORES (1992), relatam que por muito tempo, e ainda nos dias atuais, a educação física utiliza referenciais biológicos, esportivos e comportamentais tomando como referência padrões ideais de desenvolvimento, de rendimento, de disciplina e de conduta moral como critérios de avaliação.

FREIRE (1989) critica o modelo tradicional de avaliação, orientado ao rendimento e a visão quantitativa, sugere o uso de sociogramas e questionários com questões abertas para avaliar o aspecto social, cognitivo e moral, vivenciado pelas crianças em situações de jogos, utilizando fichas individuais para cada aluno, além da observação do desenvolvimento e aprendizagem da criança dentro das atividades a partir do ponto de partida de cada um.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física (MEC, 1997), indicam que professores e alunos devem discutir critérios utilizados, porque essa abertura trará contribuições no entendimento do programa a ser desenvolvido naquele período letivo, como também, poderá ampliar a compreensão dos alunos sobre o que o professor busca alcançar, responsabilizando assim, todos pela trajetória a ser percorrida. Propõe também a utilização de auto-avaliação como momento para reflexão do educando sobre as contribuições das suas ações no crescimento individual e coletivo.

CASTELANI FILHO (1998), ao tratar da avaliação na Educação Física Escolar, sugere dois níveis: primeiro o grau de acervo corporal do aluno para saber dos seus limites no início do trabalho e poderemos observar a significância dos avanços obtidos ao final do mesmo. E o segundo, refere-se ao grau de apreensão do significado histórico social dos elementos da cultura corporal, ou seja, avaliar a compreensão acerca dos valores ético-políticos que formam e informa nossa cultura corporal. Esses dois níveis primam pelo desenvolvimento e não pelo desempenho do aluno.

MATTOS e NEIRA (1999), para tratar das dificuldades relacionadas à avaliação em Educação Física Escolar, fazem uma comparação entre a avaliação em sala de aula (das disciplinas “teóricas”) e a avaliação da Educação Física. Escrevem que na primeira o processo de aprendizagem é acompanhado pela produção escrita do aluno, enquanto que na segunda, a atividade motora, a maioria das avaliações se resume em pura observação. Os autores questionam essa atitude e consideram que *“o professor de Educação Física deve buscar amparar seus instrumentos de mensuração da aprendizagem e do avanço do aluno em itens sólidos e, na medida do possível, inquestionáveis”*.(p.78). Acreditam ser quase impossível a avaliação pelo simples olhar sem registro. Sugerem observar no máximo dois alunos de cada vez, em uma ou duas sessões, nos aspectos cognitivo, afetivo-social e motor, no transcorrer normal da aula e não em situação especial de avaliação, apontando pequenos itens que julgar importante para avaliação. Embora consideram essa atitude complexa, acreditam que com certa prática poderão elaborar códigos que facilitem as anotações e a mensuração.

Para uma tomada de posição à reflexão e análise da funcionalidade e aplicabilidade da avaliação na Educação Física escolar, poderá se utilizar também, como referencial teórico, ZABALLA (1994) que emprega a concepção construtivista do ensino e a aprendizagem, e muito do que diz o autor vem de encontro com as idéias de Perrenoud 1999 e de Freire 1989, no qual o objeto da avaliação passa a centrar-se, prioritariamente, no processo de ensino/ aprendizagem, tanto do grupo/classe como de cada um dos alunos. Por outro lado, o sujeito da avaliação não apenas se centra no aluno, como também na equipe que intervém no processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto, não tem a intenção de indicar formas fechadas de avaliação, mas tão somente instigar a reflexão, como o próprio título expôs, acerca da avaliação na Educação Física Escolar. As teorias e os autores citados no corpo deste trabalho, são para a autora, indicativos para um salto qualitativo nas questões pedagógicas da Educação Física Escolar.

BIBLIOGRAFIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **A teia da vida**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **Política Educacional e Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**. SP: Scipione, 1989.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas - A teoria na Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LINHALES, M. **Desenvolvimento Curricular e Avaliação em Educação Física Escolar**. Anais do V Seminário de Educação Física Escolar , EEFUSP, 1999.

LUCKESI, C. A escola avalia ou examina? In: **abceducatio - a revista da educação**. Ano 3, nº 16, 2002: p.30-33.

MATTOS, M. G. de & NEIRA, M. G. **Educação Física Infantil: Construindo o Movimento na Escola**. 3 ed. São Paulo: Phorte Editora, 1999.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZABALLA. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artmed,1994